

POESIA QUE TEM COR EM MOÇAMBIQUE

Mariane Silva Duarte¹

Resumo: Este trabalho se apresenta como exercício etnográfico da experiência de intercâmbio artístico cultural em Moçambique, vivenciada pelo ‘Poesia Que Tem Cor’, projeto experimental de performance teatral negra do Rio de Janeiro. O projeto recebeu o convite para participar do Festival Raíz Tradicional, em parceria com a ECA (Escola de Comunicação e Artes –Universidade Eduardo Mondlane), e com o CCBM (Centro Cultural Brasil Moçambique), promovendo a conferência com o tema “Encontros Moçambique – Brasil: Raízes que permanecem”, como parte de uma iniciativa que visa estabelecer o diálogo entre as realidades brasileiras e moçambicanas.

A partir da descrição das experiências da Poeta Mariane Silva Duarte e das Rapper Aika Cortez, ambas graduadas de Bacharel em Produção Cultural, na capital moçambicana Maputo, o artigo tem a intenção de incitar o debate sobre as diversas perspectivas empíricas e acadêmicas africanas, com base em uma realidade pós independência de Moçambique, completando este ano 43 anos. Abordando o atravessamento do decolonialismo, com a arte concebida enquanto ferramenta do processo de desenvolvimento social e cultural de países como Brasil e Moçambique que passaram por um período de exploração colonial portuguesa.

Palavras-chave: Poesia, Arte ,Moçambique, Brasil, Experiência, Negro.

Abstract: This work presents itself as an ethnographic exercise of the experience of cultural artistic exchange in Mozambique, experienced by 'Poesia Que Tem Cor', experimental project of black theatrical performance of Rio de Janeiro. The project was invited to participate in the Traditional Root Festival, in partnership with the ECA (School of Communication and Arts - Eduardo Mondlane University), and with the CCBM (Centro Cultural Brasil Moçambique), promoting the conference "Encontros Moçambique - Brazil: Roots that remain "as part of an initiative aimed at establishing a dialogue between Brazilian and Mozambican realities. From the description of the experiences of Poet Mariane Silva Duarte and Rapper Aika Cortez, both graduates of Bachelor of Arts in Cultural Production, in the Mozambican capital Maputo, the article intends to stimulate the debate on the diverse African empirical and academic perspectives, based on in a post-independence reality of Mozambique, completing 43 years this year. Approaching the crossing of decolonialism, with the art conceived as a tool of the process of social and cultural development of countries like Brazil and Mozambique that went through a period of Portuguese colonial exploration.

Keywords: Poetry, Art, Mozambique, Brazil, Experiment, Black.

¹ Graduanda do Curso de Bacharel Produção Cultural do Instituto Federal do Rio de Janeiro, marianesilvaduarte22@gmail.com.

INTRODUÇÃO

"A vida é como a água, nunca esquece o seu caminho. A água vai para o céu mas volta a cair na terra. Vai para o subterrâneo mas volta a superfície. A vida é um eterno ir e voltar. O corpo é apenas uma carcaça onde a alma constrói a sua morada..." (CHIZIANE, Paulina. **O sétimo juramento: romance**. Ndjira, 2000, 4^a ed., Maputo: Ndjira, 2009.)

No começo do ano de 2017 a Embaixada do Brasil e o Centro Cultural Brasil-Moçambique (CCBM) divulgaram o lançamento de edital público para a seleção de projetos culturais em Moçambique. O objetivo desta convocatória era a seleção de projetos culturais em suas variadas formas de manifestação, tais como arquitetura, artes cênicas, artes plásticas e visuais, cinema, circo, dança, design, fotografia, gastronomia, literatura, moda, música, tecnologia, entre outros, para realização de atividades no Centro Cultural Brasil-Moçambique.

Por meio deste anuncio do edital público para a seleção de projetos culturais, o projeto Poesia Que Tem Cor foi desenvolvido pela integrante do grupo Mariane Silva Duarte que aspirou transportar a dimensão da resistência da arte afro brasileira para Moçambique, realizando o sonho ancestral de voltar a África.²

A PRINCÍPIO ERA UM SONHO

O lançamento do edital público Centro Cultural Brasil-Moçambique (CCBM)³ foi o ponto de partida para viajar para Moçambique. Os cinco integrantes da Poesia Que Tem Cor nunca se imaginaram voando, por menos saindo do país. Ninguém do grupo possuía passaporte, ou alguém da família tinha o documento, viajar era pensamento reservado a ir ônibus para o litoral do Rio de Janeiro.

A ideia do projeto experimental de performance teatral negra surgiu depois da apresentação da performance chamada 'Deus Negra', que aconteceu no evento 'AFRONTAMENTO' festival de artes negras realizada pelo Coletivo Criativo de Rua (CRUA) no final de outubro de 2016, em Costa Barros, bairro periférico da zona norte do Rio de Janeiro. Na performance 'Deus Negra' os integrantes Kalebe Nascimento, Ana Paula

² Marcus Garvey - Pai do Pan Africanismo, o principal idealista do movimento de "volta para a África" de profunda inspiração para que os negros tivessem a "redenção" da África.

³ Instituição, concebida como um espaço cultural a serviço da divulgação e da promoção da cultura do Brasil e de Moçambique.

Patrocínio, Cátia Regina e Mariane Silva Duarte encenaram a imagem do Deus cristão nas várias faces de uma mulher negra.

“Deus Negra
O nosso ventre unifica a dor do mundo
De nós já saiu preto, branco, caboclo, mameluco
e se bobear até asiático!
Somos o princípio do mundo!
Rejeitado, açoitado e maltratado.
Qual crime que eu fiz ?
Te pari
Te gerei daqui sem consumir nenhum retorno,
Te amamentei e nunca mais te vi
Foi bom pra você ? Você sentiu prazer?
Não aguento mais, tira a mão de mim, me larga
Aqui você não move mais uma palha
Eu sou Deus de carne e osso,
Sem sétimo dia pra descansar
Sou mulher e negra. Isso é te desafiar ?
Então fica com desafio pra você
Pois daqui você não tira mais nada
Hoje além de mãe me sinto filha, amada e amiga
Eu sei que não ando sozinha
Descobri o que é o amor, neguinha.”
(Mariane Silva Duarte)

A razão de a poeta Mariane Silva Duarte escrever o projeto após a performance ‘Deus Negra’ sob a possibilidade de ir para Moçambique, foi inspirada na leitura do Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões de Abdias do Nascimento. Onde a história de resistência negra e ocupação desse cenário artístico abriram os caminhos, para que muitos anos depois, jovens negros e periféricos fizessem arte.

“Por que um branco brochado de negro? Pela inexistência de um intérprete dessa raça? Entretanto, lembrava que, em meu país, onde mais de vinte milhões de negros somavam a quase metade de sua população de sessenta milhões de habitantes, na época, jamais assistira a um espetáculo cujo papel principal tivesse sido representado por um artista da minha cor. Não seria, então, o Brasil, uma verdadeira democracia racial? ” (NASCIMENTO, Abdias . Pg 1 ,Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões)

O projeto foi homologado pelo Centro Cultural Brasil-Moçambique (CCBM) em maio de 2017, o Poesia Que Tem Cor estava sendo convocado para participar do Festival Raiz Tradicional que tem como fundamento a preservação / valorização da música tradicional

moçambicana feita por jovens, e o intercâmbio cultural além das fronteiras com artistas de diversos países, para dinamizar esta vertente da cultura moçambicana.

O convite não concedia passagens aéreas, mas garantia hospedagem e traslado na cidade de Maputo, capital de Moçambique. O convite veio no mesmo momento do falecimento de Sônia Regina Silva Duarte, mãe da integrante Mariane Silva Duarte, que pelo luto, desistiu.

Os outros integrantes, o músico Kalebe Nascimento, a performer e modelo Ana Paula Patrocínio, a rapper Aika Cortez e, principalmente, a Poeta Catia Regina vislumbraram a esperança de conhecer o país africano. Consolaram a perda da mãe de Mariane com força de uma campanha financeira para custear as passagens para Moçambique.

A campanha financeira utilizou as redes sociais como o facebook, instagram e a plataforma de crowdfunding (arrecadação de dinheiro online) vakinha.com, que tinha como meta alcançar R\$15.000 para custear as passagens dos artistas do Poesia Que Tem Cor para Moçambique. Para além da campanha financeira na internet o Poesia também realizou duas mostras artísticas em parceria com a incorporação BERRO⁴ e o Instituto Black Bom⁵. O evento proporcionou: exposição de artes visuais, batalha de poesia - Slam, exibição de filmes, desfile de moda e shows de música. Ao fim da campanha financeira no dia 25/07/ 2017 a meta de R\$15.000 não tinha sido alcançada, não conseguiram arrecadar o valor sequer de uma passagem, de forma que chegassem ao menos 1 do grupo de 5 a se apresentar a tempo do Festival Raiz Tradicional.

A regularização da documentação, o passaporte e a carteira de vacina internacional, foi um contratempo que dificultou a viagem de todos os integrantes do poesia que tem cor. O racismo estrutural e institucional que veladamente conduz ao pensamento que pessoas negras não podem ter passaporte e, conseqüentemente, não podem viajar para fora do país. Do grupo de cinco jovens, apenas três conseguiram dar entrada no documento do passaporte e apenas duas conseguiram obter o documento em mãos, sendo a terceira sem previsão para entrega na época e os outros dois não podiam emitir sem previsão para entrega, já que na época a Polícia Federal (órgão responsável por emitir passaportes) anunciou que estava suspensa a emissão de passaportes no país por tempo indeterminado alegando “insuficiência orçamentária”.

⁴ A incorporação BERRO é uma produtora artística

⁵ O Instituto Black Bom é um de espaço coworking de empoderamento de iniciativas e negócios desempenhadas por pessoas negras.

A campanha financeira chegou a raio de comoção dos moçambicanos através da internet, o Poesia Que Tem Cor entrou em contato com Laís Volpe, Colaboradora do CCBM, Produtora Cultural e Graduanda em licenciatura de Geografia na UFF⁶, também brasileira, mas residente em Maputo, que estava trabalhando no festival através do Centro Cultural Brasil-Moçambique, Laís acompanhou toda a jornada da campanha de arrecadação para financiamento da viagem e fez a proposta do grupo viajarem para Moçambique após o festival, mas a fim de realizarem ações culturais lá de forma independente. Desde que surgiu a possibilidade da viagem para Moçambique, o Poesia Que Tem Cor recebeu diversos convites para participar de outros espaços culturais moçambicanos além do festival, convites como apresentação em saraus, realização de uma festa afro brasileira no centro cultural, gravação de um clipe de rap entre outras ações que estavam sendo negociados ao longo do planejamento da viagem.

“RAIZ AFRICANA, FIZ ALIANÇA, PONTA DE LANÇA, UMBABARAUMA.”⁷

No Aeroporto Internacional de São Paulo-Guarulhos, dia 31 de julho de 2017 exatamente às 18:25 Horário em Brasília, Aika Cortez e Mariane Silva Duarte, duas representantes do Poesia Que Tem Cor embarcaram no vôo rumo a cidade de Joanesburgo, África do Sul. Mariane que nunca experimentara “andar” de avião, a primeira impressão das duas artistas ao embarcarem na aeronave foi um choque de emoção, primeiro por estarem saindo do país e segundo pela equipe de comissário de bordo da TAAG⁸ que era completamente preta.

Foram 11 horas de viagem com uma escala de vôo em Luanda, capital de Angola. Quando Aika e Mariane avistaram o solo vermelho de Joanesburgo a dúvida era se flutuavam ou sonhavam. O desembarque na África do Sul foi tranquilo apesar de nenhuma das duas ser fluentes em inglês, língua oficial do país. No aguardo das meninas no portão de desembarque em Joanesburgo estava Ivone Pereira que foi um dos laços feitos em Moçambique durante a campanha financeira online, brasileira que reside em Matola cidade vizinha de Maputo, a mais de 10 anos, casada com um moçambicano, ela as levou do

⁶ UFF- Universidade Federal Fluminense

⁷ Trecho da música Ponta de lança do Rapper Rincon Sapiência

⁸ Linhas Aéreas de Angola

Aeroporto Internacional Oliver Tambo até o lugar de embarque do ônibus que atravessou em 8 horas aproximadamente 600 km até Maputo.

Moçambique é um país localizado ao sudeste do Continente Africano, banhado pelo Oceano Índico a leste e que faz fronteira com da África do Sul. Em sua capital Maputo onde está instalada a Universidade Eduardo Mondlane (UEM), uma instituição pública de âmbito nacional, a mais antiga instituição de ensino superior, depois de 60 anos de independência do país, hoje integra a primeira geração de jovens moçambicanos com educação básica e superior completa. Mariane e Aika foram recebidas e hospedadas em um dos alojamentos da universidade durante o intercâmbio cultural.

Desde os primeiros momentos a sensação das afro brasileiras foi de impacto, ao chegarem na capital moçambicana embarcaram em um táxi que o motorista ouvia uma música 'Tua Boca' do pagodeiro brasileiro Belo, perceberam a paixão que os moçambicanos tinham pelo Brasil. A vida em Maputo começava 5 horas antes do que no Rio de Janeiro e não só pelo fuso horário diferente, mas pela rotina dos moçambicanos de aproveitarem o máximo a luz do dia, a cidade era cheia de cores, cheiros e muito barulho uma sensação familiar comparada às favelas cariocas.

No primeiro dia visitaram o Mercado Janet que tem um formato de feira, o interior deste mercado existe variadas bancas de vegetais, frutas, roupa, cosméticos e ainda algumas bancas de comida. Muitos comerciantes vão até este mercado para comprar produtos para depois revender nas suas lojas. Degustaram a primeira vez a culinária moçambicana em almoço no Mercado Janet, um prato de xima⁹ com frango caipira, acompanhado muita cerveja de Mandioca a famosa Empala e o com os dois grandes artistas: O cantor Rastafari¹⁰ Ras Soto e Hélio Nhangumbe da banda de Rap Jazz 2/4 + 1 marcando várias parcerias e trabalhos durante o tempo que elas estariam pelo país.

A presença do cantor Rastafari Ras Soto foi significativa para o que o intercâmbio cultural acontecesse da melhor forma, Ras Soto foi amigo, guia e produtor do Poesia Que Tem Cor durante o tempo que suas representantes permaneceram em Maputo. Na primeira semana houve um encontro marcante na viagem, a recepção artística que os grupos de rapper G-Time e Revolução Feminina realizaram em Malhangalene bairro periférico da cidade, uma conexão de arte e alma entre Moçambique e Brasil.

⁹ Xima: um purê branco de milho, a xima é um dos pratos mais populares de Moçambique.

¹⁰ Movimento de resistência político e ideológico que nasceu na Jamaica nos anos 30, entre negros camponeses descendentes de africanos.

OS MOÇAMBICANOS AMAM O BRASIL

A recepção moçambicana foi realmente afetuosa para além dos câmbios artísticos, por serem telespectadores assíduos da televisão brasileira tem uma boa impressão e admiração pelo país, o resultado da influência da televisão brasileira foram os convites para Mariane e Aika participar de três programas de televisão : Um talk show na TV Internacional de Moçambique, os programas Manhãs Alegres e Vidas Em Directo na STV um canal de televisão privada. Também foram entrevistadas em um programa de rádio o ministério do hino hop e em dois jornais nome do Jornal Notícias e Zambeze um jornal de teor político.

POESIA MOÇAMBICANA

A cena de poesia em Maputo é expressiva e foi de grande aprendizado para as duas jovens , existem muitos poetas e publicações de poesias de diversas formas e línguas, principalmente changana um dos idiomas originários, houve participação do Poesia Que Tem Cor no sarau Palavras São Palavras, que desenvolve essa rede de artistas moçambicanos com a maestria do talento e produção de Énia Stela Lipanga e Hamilton Chambela que hoje também produz o Moz Slam- Batalha de Poesia.

“Capulana
A semelhança dos teus traços de mamana
Que coberta de uma humilde capulana
Menina de cores d`Africa
Onde os paços que perfumam becos
Esbanjam beleza
Mucume disfarçado em natureza
Capulana,
Enrolando a moldura de curvas moçambicanas
Cobrindo as fofocas das mamas
Que semeiam simpatia da nossa terra
Valorizando a postura
E criando sedução aos olhos da cintura
Capulanizando gostos
És de forma delicada enrolada em cérebros
Que moldam rostos
Viva, pois esta viva
De cor aos amantes
Mais vida, aos amores
Deixa e tape as colantes
E seduza nossos senhores
Assim como a cultura quando cose

Africanize as europeias de Moz
De como espelho as cocuanas
Que são fiéis a marrabenta
E ignoram, o semba
Que valorizam suas tradições e
criam de volta da fogueira suas canções
Por baixo do que cobras
Há fogo,
Fogo que arde
Mulheres lindas, moçambicanas obras de arte
Que acolhem vida, vinda de qualquer parte
Capulana, capulana,
Siga todas a fulanas que te ti se abstêm
Capulana, capulana
Ame todas as fulanas
Que de ti são refêns”
(Énia Stela Lipanga)

UM MUNDO DE CAMINHOS DENTRO DO MERCADO DO XIPAMANINE

Outro lugar não menos importante é o Mercado do Xipamanine a maior feira a céu aberto de moçambique, onde os habitantes da periferia compram diversos produtos a grosso ou a retalho para revender no centro da cidade ou para consumo por que os preços dos produtos são muito baixos. Um mundo de caminhos, com milhares de pequenas bancas se assemelha a um labirinto. Nesse mercado as meninas puderam conhecer a variedade de tecidos chamados de capulanas pelas moçambicanas, usado por elas como decoração, amarração para prender crianças ao corpo (“slings”) e principalmente vestir o corpo, fazendo as vezes de saia, podendo ainda cobrir o tronco e a cabeça.

Também experimentaram em Xipamanine o ícone da gastronomia moçambicana o pão com badjia que são bolinhos feitos com farinha de grão-de-bico recordando o acarajé comida típica brasileira. O notável sobre a culinária e sabor da comida moçambicana foi a inexistência de agrotóxicos, o paladar brasileiro restrito a indústria experienciou o verdadeiro sabor dos alimentos.

AS TRANCISTAS MOÇAMBICANAS TEM MÃOS DE FADA

Ivone Pereira, brasileira nascida e criada em Nova Iguaçu, baixada fluminense do Estado do Rio de Janeiro, casada com um moçambicano, exerce a profissão de cabeleireira a 10 anos em Maputo, praticamente uma mulher moçambicana. ‘Dona Ivone’, como as meninas do Poesia Que Tem Co se referiam a ela, adotou a causa do projeto e auxiliou todo processo

da viagem em que Mariane e Aika estavam Moçambique. Dona de um salão de beleza localizado no centro de Maputo, Dona Ivone se responsabilizou em cuidar da aparência das artísticas para o evento que aconteceria no Centro Cultural Brasil.

O salão de 'Dona Ivone' presenteou as artistas com tranças feitas pelas profissionais estéticas moçambicanas Mónica e Sheila ,que acabaram com as falsas impressões entre as mulheres que traçam o cabelo no brasil, onde corre o boato dizendo que trancistas africanas apertam as tranças, machucando a cabeça. Ao contrário Mônica e Sheila foram as trancistas profissionais fazendo um trabalho perfeito e indolor.

O GRANDE DIA : Poesia Que Tem Cor BR-MZ

Ao longo de toda a vivência do intercâmbio cultural em moçambique as artistas brasileiras trocaram e conheceram vários artistas locais com a finalidade de todos se apresentarem como atrações no evento Poesia Que Tem Cor BR-MZ que aconteceu no dia 11 de agosto de 2017 às 21:00 no Centro Cultural Brasil Moçambique. Quem apresentou a festa foi o Ernesto Lipamba produtor, professor e artista plástico e as atrações foram :MC Lipamba (MZ) , Mariane Silva Duarte performando pelo Poesia que tem cor (BR), a Poeta Enia Lipanga (MZ), MC Aika Cortez (BR),Revolução Feminina (MZ) ,2/4 + 1 (MZ) ,MC Intelecto Explícito (MZ) , o reggae pelos Rastafaris Ras Soto e Ras Toni e os DJ'SBlack Kid (MZ) e Bia Morais (BR). Sendo cobrada a entrada de 200 meticais. O evento marcou história naquele centro cultural, com a emoção que rolou sobre as apresentações e conexão artísticas.

A DESPEDIDA

“Kanimambo - Gratidão em changana

Agradecer é tudo que eu posso fazer, quando minha pele entrou na água do oceano Índico na praia Costa do Sol, o tempo nós (Eu e Aika) abençoou de uma forma que eu nunca mais vou me sentir sozinha” (Duarte, Mariane Maputo, Moçambique Dia 14 de agosto de 2017,Diário de Bordo Poesia Que Tem Cor Em Moçambique).

No dia 15 de agosto, Mariane e Aika se despediam do país, dos amigos e das experiências que deixaram grandes aprendizados. Foram exatamente 15 dias sem sentir racismo, 15 dias sendo referenciadas pelas ações e pelo nome não primeiramente pela cor da pele. As meninas reviram seu conceito de mundo e de vida, amadureceram. Dia 15 aconteceu

um jantar de despedida na casa de Mama¹¹ Joana que acolheu as meninas como suas filhas nos últimos dias de viagem. A casa da Mama tinha um grande mapa da África desenhado nos pisos de seu quintal, era como se a Mãe África tivesse encontrado suas filhas Mariane e Aika perdidas e as convidou para passar um tempo na casa dela. Mama não fez questionamentos sobre piercings, tatuagens e cabelos coloridos como a maioria dos idosos moçambicanos que repreendiam as minas em changana¹² toda vez que circulavam pelas ruas do centro de Maputo. Com carinho e afeição cuidou das duas jovens, para que tudo ocorresse bem, como se fossem da sua família.

O jantar foi marcado por sorrisos, abraços, promessas e conversas que já estimulavam a saudade. As representantes do Poesia Que Tem cor embarcaram no último ônibus do dia saindo para Joanesburgo, 8 horas e 600 km de estrada, aproveitando cada minutinho a visita ao continente. Conversando com as Mamas do ônibus que amavam o Rodrigo faro e a achando graça das desavença dos passageiros, se sentiam em casa.

Então dia 16 de agosto de 2017 às 17:45 no Aeroporto Internacional Oliver Tambo em Joanesburgo, África do Sul Mariane Silva Duarte e Aika Cortez embarcam no avião em direção a São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a refletir as vivências de Mariane Silva Duarte e Aika Cortez representantes do Projeto Experimental de Performance do Poesia Que Tem Cor tiveram durante o intercâmbio cultural em Moçambique, a fim de conscientizar e expor impressões sócio culturais sobre a atual realidade do país alinhado com o atravessamento do decolonialismo pós 43 anos de independência moçambicana do regime colonial português. Destacando a semelhança entre um país africano e a diáspora em território brasileiro.

Cabe neste espaço, agradecimentos ao ancestrais, família, a Catia Regina, Ana Paula Patrocínio, Aika Cortez e Kalebe Nascimento integrantes do Poesia Que Tem Cor, Coletivo Negro Afronta (CONAFRO), Lais Volpe, Raissa Rodrigues e Marcela Lisboa que ajudaram na revisão e incentivaram o desenvolvimento do artigo e todos os moçambicanos e brasileiros envolvidos nesse sonho que foi intercâmbio cultural em Moçambique

REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. **O sétimo juramento: romance**. Ndjira, 2000

MUCALE, Ergimino Pedro. **Afrocentricidade: complexidade e liberdade**. Paulinas, 2013.

¹¹ Mãe

¹² Um dos idiomas originários.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos avançados**, 2004

NGOENHA, Severino Elias. Filosofia Africana Das Independências Às Liberdades. 1993.

SENGO, C. Lucrécia Paco: o teatro é uma forma de educar. **Tempo**, n. 955, p. 47-49, 1989.

SERRA, Carlos. **Diário de um sociólogo**. Imprensa Universitária, 2006.

SERRA, Carlos. **Identidade, moçambicanidade, moçambicanização**. Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1998.

DIARIO DE BORDO POESIA QUE TEM COR Disponível em:
<<https://www.facebook.com/duartemarii/posts/1429348667143010>>

XIV
enecult

encontro de estudos multidisciplinares em cultura

7 a 10 agosto 2018 | SALVADOR - BAHIA - BRASIL

www.cult.ufba.br/enecult